

In *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*, vol. III, organizado pelo Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, coordenação de Eugénio Lisboa, ed. Publicações Europa América, 1994, pp 261-265.

PIMENTA, ALFREDO AUGUSTO LOPES

(n. Guimarães, 3 de Dezembro de 1882 – m. Lisboa, 15 de Outubro de 1950)

Polígrafo da 1ª metade do século XX (o seu primeiro livro data de 1904 embora a sua colaboração em jornais surja antes do século nascer, os seus últimos escritos são do ano da sua morte) versou variados géneros desde a poesia à política, da filosofia à história, do ensaio à crítica literária, filosófica, histórica, deixando uma vastíssima bibliografia numa escrita primorosa de clareza e rigor.

Desta bibliografia há quatro índices sendo os mais completos os do *Terceiro Volume de Estudos Filosóficos e Críticos* (Liv. Cruz Braga, 1958) e o do *Boletim de Trabalhos Históricos*, vol. XXXIII, (Guimarães, Dezembro, 1982). A sua numerosa colaboração em jornais nacionais e estrangeiros, revistas de ciência histórica, literária e política, dicionários etc. Continua esparsa, sendo de grande interesse para a cultura da época a sua inventariação e análise.

Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra (1908), continuou ao longo da sua vida a sua formação intelectual, iniciada já antes de frequentar a Universidade. A sua vasta biblioteca doada em 1970 pelos filhos à Fundação Calouste Gulbenkian, constitui a prova material desta intensa actividade intelectual. Aliás ele próprio explica: «As minhas fichas são os meus livros. É neles que escrevo as notas remissivas (...) E se um dia, os azares da Fortuna ou da Desfortuna, dispersarem a minha livraria é incalculável o trabalho feito que os novos possuidores dos meus livros irão encontrar...» (*Voz*, 14.10.1943).

Trabalhador infatigável, foi figura marcante da época pela originalidade das suas propostas, que iam até ao seu modo de trajar: monóculo, capa preta, chapéu mole, luvas brancas, bengala, sobraçando um punhado de livros, descia todas as tardes o Chiado, entrando nas livrarias das suas preferências como, até certa altura, a Portugália, e sendo mal olhado noutras, como a Bertrand, onde se agrupavam os seus opositores.

Coetâneo de Júlio Dantas, Teixeira de Pascoais, Afonso Lopes Vieira, António Corrêa de Oliveira, Leonardo Coimbra, António Sérgio, Jaime Cortesão, Aquilino Ribeiro,

António Sardinha, Fernando Pessoa entre outros, elaborou de um modo pessoal um sistema de referências teóricas a que submetia com intransigente coerência a sua vida prática, o que lhe valeu inúmeros dissabores e conflitos: «(...) tinha uma vida ingrata, áspera, dura a formular constantemente diante de mim, o dilema trágico: ou ser vencido ou ser vendido. Diferença de uma letra – mas diferença infinita. Escolhi o ser vencido. E a vida venceu-me (...)» (*A propósito de António Sardinha*, 1944). Caldeou no seu pensamento várias influências cuja integração lógica procurou fazer, como demonstra António José de Brito num dos mais completos estudos que lhe foram dedicados («O pensamento de Alfredo Pimenta» in *Futuro Presente – Revista de Nova Cultura*, nº especial, 21/22, Abril-Junho, 1985): «o individualismo vitalista de Nietzsche e Stirner, o relativismo de Comte e a escolástica». Daí ter levantado permanentemente à sua volta grandes controvérsias (pode avaliar-se o impacto das suas atitudes e opiniões pela frequência com que é mencionado nos jornais do tempo, pela multidão de caricaturas em que é representado e número de duelos para que foi desafiado).

Com efeito, católico (depois de um período de agnosticismo, reencontra a fé, 1914), o seu catolicismo «unia-se a um vitalismo e a um voluntarismo antiliberal e reaccionário, inspirado de modo primordial em Nietzsche e por isso bastante raro entre nós» (António J. de Brito, *op. cit.*), dissidiu numerosas vezes dos órgãos oficiais da Igreja e envolveu-se em polémicas ácidas e vivíssimas (*A política do Centro Católico e a minha resposta ao Sr. Bispo de Bragança e Miranda*, 1925, *Do meu Fideísmo, da Teologia das «Novidades» e do mais que adiante se verá*, 1925, entre outras), com grande parte dos católicos, bispos e leigos, chegando a ser denunciado como «escritor perigoso» numa nota pastoral do Cardeal Patriarca de Lisboa (1943). Republicano durante a Monarquia e monárquico na República (fez profissão pública de adesão à Monarquia em 1915) porque a isso o impelia a influência comtiana, separou-se dos republicanos democratas, primeiro, e em seguida, dos evolucionistas para se aproximar dos monárquicos integralistas dos quais se afastou por fidelidade ao princípio monárquico da obediência ao Rei, (Dom Manuel II, na ocasião) a quem procurou converter à Monarquia tradicional, demonstrando-lhe a legitimidade de se desligar do seu juramento à Carta Constitucional. Entusiasta apoiante de Oliveira Salazar, em quem percebia as raízes do pensamento integralista da sociedade hierarquizada segundo o critério das competências, desligou-se dele face à sua não-resolução do problema do Regime. Antidemocrata convicto por temperamento e filosofia, tomou vigorosas posições a favor dos países do Eixo numa altura em que a opinião dominante lhes era contrária, antevendo com grande premência uma má sorte para a Europa e Civilização Cristã de um reforço do poder dos USA e da URSS

(*Contra o Comunismo – Análise comparativa das Encíclicas «Mit Brennender Sorge» e «Divini Redemptorii», 1944; Os Criminosos de Guerra e os Neutros, 1945; Em defesa da Portugalidade, 1947*). Comtiano, começa a desiludir-se da ciência, vendo nela, na senda de Poincaré, apenas a «afirmação duma série de hipóteses cómodas e variáveis, substituíveis, evoluindo então para um cepticismo teorético acentuado com o consequente afastamento da orientação científica» (*apud Brito*). A partir daí refugia-se num eruditismo que lhe permite passar a pente fino as manifestações da vida cultural, nacional e estrangeira. Ficaram célebres os seus rodapés do *Diário de Notícias* “Cultura Estrangeira – Cultura Portuguesa” (1923-1950) em que procurou «fornecer ao leitor português o espectáculo sistemático das múltiplas manifestações da cultura moderna» (*sic*) e que depois foram reunidos nos três volumes dos *Estudos Filosóficos e Críticos*, (1930, 1935 e 1958). Ricardo Jorge no prefácio do 1º volume escreve: «Discorri ao longo das páginas caleidoscópicas deste livro raro, senão único, que podia sem ostentação arvorar a divisa *De omni re scibili... et inscibili*. Tudo versa e controversa, sempre no mesmo ritmo lógico e glóssico de ideias e linguagem; a discussão e o estilo são modelares. Sobriedade, clareza, rigor e vigor. Um curso magistral de lições e críticas». Cultor da História, enveredou pelo estudo crítico das fontes de que ficaram numerosos estudos (entre outros a série de 25 *Estudos Históricos* de 1937 a 1949, *Elementos de História de Portugal* (1934) de que haverá 5 edições; *D. João III* (1936); *Subsídios para a História de Portugal - Textos & Juízos Críticos* (1937); *Fuero Real de Afonso o Sábio – Versão Portuguesa* (1946); *Idade Média, Problemas & Soluções* (1946), preocupando-se pelo problema da cientificidade da História, no que não foi acompanhado por nenhum historiador do seu tempo. Inovou o estudo da História no Ensino Secundário ao introduzir no seu compêndio *Elementos de História de Portugal* a indicação das fontes, justificando esse método. Este livro levantou grande controvérsia acerca da sua inteligibilidade para os alunos do liceu. Defensor da objectividade na História, abandona deliberadamente essa posição ao escrever os *Elementos* e *D. João III*: «não fora a hora que o país atravessava de liberalismo anticatólico e antiportuguês, teria feito uma história exclusivamente científica que seria uma apresentação dos factos e das suas fontes sem qualquer espécie de nevoeiro filosófico a informá-los. No entanto eles contêm uma forte dose de filosofia da História, a minha verdade, a minha doutrina. É a sua parte frágil porque é a sua parte discutível, a sua parte acessível aos dentes das matilhas. Tive que a elaborar para a opor às minhas não-verdades que considero prejudiciais ao meu país» (*Elementos de História de Portugal*). Poeta, situou-se, segundo Óscar Lopes (in *Entre Fialho e Nemésio*, vol. II, Casa da Imprensa, Lisboa, 1987) entre o Modernismo e a Tradição, mantendo «paralelamente com o

Primeiro Modernismo uma continuidade de esteticismo decadente» (*Alma Ajoelhada*, 1914, *O Livro das Orações*, 1916, *Paisagem das Orquídeas*, 1917, *O Livro das Sinfonias Mórvidas*, 1921, entre outros), embora no seu último livro, publicado em 1941, *Últimos Ecos de um Violino Partido*, que reúne poemas antigos, se reconcilie com a poesia tradicional (*apud* Óscar Lopes, *op. cit.*).

Exerceu as seguintes funções públicas: professor do Liceu Passos Manuel (1911-1912), deputado (1918), conservador da Torre do Tombo (1933 a 1949) e seu director (1949 a 1950), vogal da Comissão Central do Conselho da Instrução Pública (1933 a 1936), director do Arquivo Municipal de Guimarães (1931 a 1950), onde fundou o *Boletim dos Trabalhos Históricos*.

Pertenceu ao grupo literário «Os Tertulíadas», de que foi fundador com João Ameal e Caetano Beirão entre outros; e à «Academia Portuguesa da História» (1937) de que foi fundador e titular da cadeira nº 9.

Em 1936 foi atribuído o *Prémio Ramalho Ortigão*, do Secretariado da Propaganda Nacional, à 3ª ed. dos *Elementos de História de Portugal* e reivindica no ano seguinte o Prémio Alexandre Herculano para o seu *D. João III*: Em 1982 foi instituído o *Prémio Alfredo Pimenta* por seu filho Dr. Alfredo Manuel Pimenta, sendo atribuído ao Prof. José Mattoso, em 1986, pela sua obra *Identificação de um País*.

Usou os seguintes pseudónimos: Structor, Lord Henry, Humberto de Aguiar, Frondélio Vimaranense, Álvaro Vaz Teixeira de Meneses.

Da vasta colecção de cartas que lhe foram endereçadas e onde perpassam grandes nomes da cultura e política nacionais e estrangeiros, *Cartas dos Outros para Alfredo Pimenta* [edição de Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães, 19639] reúne algumas, preparando-se para breve a publicação da correspondência entre ele e Oliveira Salazar, [editada em 2008 pela Verbo, sob o título *Salazar e Alfredo Pimenta – Correspondência – 1931-1950*] ressalta uma faceta pouco falada do seu carácter: a do profundo interesse pelos desprotegidos da sorte, qualquer que fosse a sua condição social que lhe dirigiam pedindo ajuda. [O espólio epistolar do escritor foi doado em 2005 por Maria Teresa Pimenta ao arquivo Municipal Alfredo Pimenta, que em 2015 editou o vol. I do seu catálogo com o título *Correspondência recebida por Alfredo Pimenta*]. Aliás a «Associação da Lavoura Portuguesa» homenageou-o um anos depois da sua morte colocando uma lápide na sua Casa da Madre de Deus, em Guimarães onde se lê «Ao Doutor Alfredo Pimenta, o pobre lavrador vimaranense que uniu no mesmo abraço cristão o amor da terra e dos humildes que a trabalham».

Alguns Estudos sobre Alfredo Pimenta:

Homenagem a Alfredo Pimenta, Lisboa, 1951

António José de Brito, "O Pensamento de A. Pimenta", *Futuro Presente - Revista de Nova Cultura*, nº especial 21/22, Abril/ Junho, 1985

Boletim de Trabalhos Históricos, In Memoriam de Alfredo Pimenta no Centenário do seu nascimento, vol. XXXIII, Guimarães, 1982

Boletim de Trabalhos Históricos, vol. XXXIV, Guimarães, 1983

Óscar Lopes, *Entre Fialho e Nemésio*, Imprensa Nacional, 1987

Seabra Pereira, *Decadentismo e Simbolismo na Poesia Portuguesa*, Coimbra, 1975

J. Gaspar Simões, *Perspectiva Histórica da Poesia Portuguesa*, Brasília Editora, 1976

Jacinto Prado Coelho, *Dicionário de Literatura*, vol. II, Figueirinhas, Porto, 1973.

Maria Teresa Pimenta

1988